Fasul Educacional EaD
Rua Dr. Melo Viana, nº. 75 - Centro - Tel.: (35) 3332-4560
CEP: 37470-000 - São Lourenço - MG

FASUL EDUCACIONAL
(Fasul Educacional EaD)

PÓS-GRADUAÇÃO

HISTÓRIA DA ARTE

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

HISTÓRIA DA ARTE

DISCIPLINA:
ARTES - FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Quando falamos em ensino de arte, temos de ficar atentos para as diversas modalidades no qual ele pode estar inserido.Ele pode ser realizado em um ateliê, onde os alunos buscam por conhecimentos específicos e apontados por eles mesmos, ou são atraídos por propostas prévias feitas pelo instrutor – no caso, o professor. Esse ensino também pode ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos são matriculados desde a infância e recebem conhecimentos sobre arte embasados em documentos e materiais didáticos que norteiam o fazer artístico-pedagógico de seus professores. A questão é: qual a diferença entre esses dois meios descritos? Uma divisão bem abrangente divide esses dois modos de ensinar arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
SOBRE A ARTE NA ESCOLA
DOCUMENTOS PÚBLICOS EMBASADORES
TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL OS PRIMEIROS PASSOS
A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E FATOS POSTERIORES
O MOVIMENTO DE ARTE MODERNA E FATOS POSTERIORES

AULA 2
PARÂMETROS NACIONAIS PARA O ENSINO DA ARTE
BNCC: COMPETÊNCIAS
BNCC: OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES
O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE
A ARTE COMO LINGUAGEM

AULA 3
ARTE E COTIDIANO
A ABORDAGEM TRIANGULAR
A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE
ESCOLA: UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO
RAZÕES PARA ENSINAR ARTE NA ESCOLA

AULA 4
ARTES VISUAIS: ABORDAGENS E METODOLOGIA
OBRAS DE ARTE NA SALA DE AULA
ARTES VISUAIS: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
A MÚSICA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
MÚSICA: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS

AULA 5
A DANÇA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
O TEATRO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
BNCC: ARTES INTEGRADAS

ARTES VISUAIS: PROPOSTAS DE INTERAÇÃO COM DANÇA E TEATRO
A AVALIAÇÃO EM ARTE

AULA 6
A ESCOLA INCLUSIVA
A BNCC DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CEGOS
A SOCIEDADE PESTALOZZI, A APAE E OUTRAS INSTITUIÇÕES.
A ARTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO EDUCADOR

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- FREIRE, P. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- BARBOSA, A. M. T. B. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

DISCIPLINA:
EXPOSIÇÕES EM ARTES VISUAIS

RESUMO

Os museus e outras manifestações da ciência, da história e da arte, na tentativa de se aproximarem com maior equidade do público em geral, buscam por meios diversos. Dentre estes, destacamos a “exposição”. É importante sabermos que as exposições, bem como os museus, acompanham a história da humanidade, embora com mudanças conceituais ao longo dos séculos. As exposições são fenômenos culturais cuja força transcende o objeto exposto. Toda exposição representa mais do que os sentidos podem perceber, pois trabalham com o campo da afetividade e, a depender da relação e contexto do visitante, a experiência poderá ser única e inesquecível.Toda exposição pode ensinar alguma coisa, transferir um conhecimento, uma mensagem e, ainda, encantar, proporcionar um momento leve, lúdico e de lazer aos visitantes. Não obstante, muitas exposições propõem uma reflexão por meio da apresentação de uma crítica ou buscam pela sensibilização mais profunda do visitante, sendo capazes de proporcionar a experiência estética. Assim, é importante aprendermos mais sobre este rico universo iniciando por sua história e chegando ao fenômeno expositivo bastante atual que são as exposições blockbuster.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
O QUE SÃO MOSTRAS EXPOSITIVAS
A HISTÓRIA DAS EXPOSIÇÕES
A EXPOSIÇÃO COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DOS MUSEUS
IMPULSIONANDO A VIDA DE ACERVOS E COLEÇÕES
O FENÔMENO BLOCKBUSTER

AULA 2
OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS
OS MUSEUS
AS GALERIAS
ESPAÇOS ALTERNATIVOS PARA MOSTRAS EXPOSITIVAS
O ESPAÇO VIRTUAL

AULA 3
POR PERÍODO
DEFINIÇÕES
EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS
DESTAQUES EM MOMENTOS ESPECÍFICOS
EXPOSIÇÕES ESTÉTICAS

AULA 4
EXPOGRAFIA
DEFINIÇÃO DO LAYOUT
POSSIBILIDADES CURATORIAIS
O USO DO ESPAÇO
ELEMENTOS PARA LEITURA

AULA 5
DEFINIÇÕES BÁSICAS
A CONSERVAÇÃO PREVENTIVA NA MONTAGEM DE EXPOSIÇÕES
A MONTAGEM
MANTENIMENTO E MANUTENÇÃO
FINALIZAÇÃO DO PROCESSO EXPOSITIVO

AULA 6
DOCUMENTOS BÁSICOS NECESSÁRIOS
O PÚBLICO VISITANTE
O FUNÇÃO SOCIAL DAS EXPOSIÇÕES
EXPOSIÇÃO E SUAS DIMENSÕES EDUCACIONAIS
EXPOLOGIA

BIBLIOGRAFIAS

- ANJOS, M. Instituições e Formação de Público em um Sistema de Artes Tardio. Disponível em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/pad-ped0/documentacao-f/mesa_03/mesa3_moacir.
- MUSEU OSCAR NIEMEYER. Museu Oscar Niemeyer recebe a mais completa e importante exposição de M. C. Escher já realizada no Brasil. Disponível em: https://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/realizadas/2013/escher
- RADIO FRANCE INTERNATIONALE. Louvre bate recorde com 10,2 milhões de visitantes em 2018 e pretende diversificar seu público. Disponível em: http://www.rfi.fr/br/franca/20190103-louvre-bate-recorde-102-milhoes-visitantes-2018-pretende-diversificar-publico.

DISCIPLINA:
HISTÓRIA E CULTURAS INDÍGENAS

RESUMO

Os povos indígenas do Brasil e do mundo transmitem seus conhecimentos e saberes de geração em geração por meio da oralidade, ou seja, o uso da palavra falada e são conhecidos por serem ágrafos (que não fazem uso da escrita). Para organizar esses conhecimentos, eles criaram diversos tipos de mitos, músicas e rituais mágicos religiosos

relacionados aos seus saberes sobre as ciências e sua organização social, o que pode ser compreendido por folclore. Podemos entender por folclore, aquele corpo de cultura completo e consistente que foi transmitido, não em livros, mas de boca em boca e na prática, desde tempos fora do alcance da pesquisa histórica, na forma de lendas, contos de fadas, jogos, brinquedos, artesanato, medicina, agricultura e outros ritos, e formas de organização social, especialmente aquelas que chamamos de tribais (Barnesmoore, 2017). Isso, por si só, já torna relevante a recorrência à mitologia para a reprodução cultural dos povos indígenas, assim como a mitologia greco-romana foi o alicerce de nossa sociedade ocidental.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
INTRODUÇÃO
JOGOS INDÍGENAS
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA, UM BREVE HISTÓRICO.
DISTINÇÕES NECESSÁRIAS
HISTÓRIA INDÍGENA NO BRASIL

AULA 2
INTRODUÇÃO
OS MECANISMOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS
ÁREAS SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA: AS CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DO BRASIL
O MOVIMENTO INDIGENISTA
ATUAÇÃO DA FUNAI

AULA 3
INTRODUÇÃO
COSMOVISÃO INDÍGENA
O CÉU E A CULTURA INDÍGENA
LUA E A CULTURA INDÍGENA
MITOS SOBRE A LUA

AULA 4
INTRODUÇÃO
CAÇA INDÍGENA
SUSTENTABILIDADE INDÍGENA
INFÂNCIA INDÍGENA
CERÂMICA E CESTARIA

AULA 5
INTRODUÇÃO
DANÇAS INDÍGENAS
MANEJO DO MEIO AMBIENTE E QUESTÕES CONCEITUAIS
PLANTAS MEDICINAIS
LENTES CULTURAIS

AULA 6
INTRODUÇÃO
OBSERVAÇÕES INTERÉTINICAS
LENTES CULTURAIS DENTRO DA NOSSA CULTURA?
"DESFOLCLORIZANDO" - ALGUNS RELATOS DE PESQUISA DE CAMPO E VIVÊNCIA EMPÍRICA
COMO REGULAR A VIDA NA NATUREZA - ETNOASTRONOMIA

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- FREIRE, J. R. B. A herança cultural indígena ou cinco ideias equivocadas sobre os índios. In: ARAUJO, A. C. Z. de et al. Cineastas indígenas: um outro olhar, guia para professores e alunos. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2010.
- LEVERATTO, Y. O enigma da pedra furada – entrevista com a arqueóloga Niède Guidon. Disponível em: http://academiaportocalvenseaphla.blogspot.com/2014/12/o-enigma-de-pedrafurada-entrevista-com.html.

DISCIPLINA:
HISTÓRIA DAS ARTES VISUAIS

RESUMO

Estudo de tópicos fundamentais da História da Arte no Brasil com abordagem interdisciplinar, envolvendo aspectos históricos, sociológicos e artísticos, considerando o período que abrange desde a Pré-História (arte pré-colonial) até nossos dias. Competências: reconhecer a arte como sistema cultural; estudar a arte como fenômeno social; identificar o papel das instituições artísticas e culturais para a configuração do campo artístico no Brasil; apresentar artistas e obras da arte brasileira. Habilidades: conhecer as produções e os diferentes momentos da arte no Brasil; identificar aspectos da arte desde o período pré-colonial até a contemporaneidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
CAVERNAS E DESENHOS
A PINTURA CORPORAL INDÍGENA
CERÂMICA INDÍGENA
OS VIAJANTES HOLANDESES EM BELAS PAISAGENS
IMAGINÁRIO DA FAUNA E DO INDÍGENA

AULA 2
OS ANTECEDENTES EUROPEUS
O BARROCO DE CADA REGIÃO DO BRASIL: PARTICULARIDADES
AS IGREJAS BAIANAS
IGREJAS MINEIRAS
GRANDES MESTRES

AULA 3
MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL
VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL: JOHANN MORITZ RUGENDAS
ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: PROMOÇÃO POLÍTICA E POSSIBILIDADE DE CRÍTICA
ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: REFORMA E OUSADIA
APROXIMAÇÕES COM O MODERNO

AULA 4
A IMPORTÂNCIA DE UMA ARTE NACIONAL: VICENTE DO REGO MONTEIRO
O ÁPICE MODERNISTA EM SÃO PAULO
O ÁPICE MODERNISTA NO RIO DE JANEIRO?

OSWALDO GOELDI
ECOS MODERNISTAS NO PARANÁ

AULA 5
NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTO POLÍTICO E SENSIBILIDADE ARTÍSTICA
SÃO PAULO E A URBANIZAÇÃO
A CRIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO
INSTITUIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS - A BIENAL DE 1951
OS ABSTRATOS

AULA 6
NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS: O VÍDEO E O MAC-USP
DESMATERIALIZAÇÃO E CONCEITUALISMO
NEOCONCRETISMO
ARTE E ENGAJAMENTO
GRAFITE E A RELAÇÃO SOCIAL COM A CIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- LIPPARD, L.R.; CHANDLER, J. A desmaterialização da arte. Revista Arte & Ensaios. n.25., maio, 2013. Disponível em: www.ppgav.eba.ufrj.br2013/12ae25_lucy.pdf.
- OLIVEIRA, C.M.S. O Brasil seiscentista nas pinturas de Albert Eckhout e Frans Janzsoon Post: Documento ou inovação do Novo Mundo? Centro Virtual Camões – Instituto Camões. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/-comunicacoes/carla_mary_oliveira.pdf.
- TIRAPELI, P. Arte Brasileira: Arte Indígena do Pré-colonial à contemporaneidade. Col. Arte Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

DISCIPLINA:
LINGUAGEM DA DANÇA

RESUMO

Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo e harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
INTRODUÇÃO
CONCEPÇÃO DE CORPO
ANATOMIA E FISIOLOGIA HUMANA
MOTRICIDADE HUMANA
CORPO E CULTURA

AULA 2
INTRODUÇÃO
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

IDADE MÉDIA

AULA 3
INTRODUÇÃO
DANÇA CONTEMPORÂNEA
A DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL

AULA 4
INTRODUÇÃO
OS DOCUMENTOS OFICIAIS
LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

AULA 5
INTRODUÇÃO
LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS
REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES
REFLEXÕES DE MARCIA STRAZZACAPPA
REFLEXÕES DE GISELE ONUKI

AULA 6
INTRODUÇÃO
CONCEITOS DE VIDEODANÇA
CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA
ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- Bertazzo, i. Corpo vivo – reeducação do movimento. Colaboração de ana marta nunes zanolli, geni gandra, juliana storto e liza ostemayer. São paulo: edições sesc sp, 2010.
- Flores, m. B. R. Corpo e imagens replicantes. Seminário de danças e por falar em... Corpo performático fazeres e dizeres na dança. Instituto festival de dança de joinville. Joinville: nova letra, 2013. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/vi-seminarios-dedanca-e-por-falar-em...corpo-performatico_varios-autores.pdf.
- Gallahue, d. L.; ozmun, j. C. Compreendendo o desenvolvimento motor:bebês, crianças, adolescentes e adultos. São paulo: phorte, 2003.

DISCIPLINA:
ARTE E CULTURA

RESUMO

O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou

condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o tema e valorizando tanto a diversidade quanto as dimensões populares das culturas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA
ETNOCENTRISMO
RELATIVISMO E ALTERIDADE
CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL
FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR

AULA 2
IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE
INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL
O NACIONAL E O LOCAL
AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO

AULA 3
CULTURAS MUNDIALIZADAS
CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS
URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO
PATRIMÔNIO IMATERIAL
MESTRES E MESTRAS

AULA 4
ARTE OU ARTESANATO?
A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL
O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR
MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS
PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
RELATOS DE CAMPO
O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6
NARRATIVAS POPULARES: MITOS
NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
A ARQUITETURA POPULAR
A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- VIVEIROS DE CASTRO, M. Laura. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro. n. 147, pp.

69-78, 2001. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf.
- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. Cultura popular no Brasil. São Paulo: Ática, 1987.

DISCIPLINA:
EMOÇÃO, APRENDIZADO E MEMÓRIA.

RESUMO

Parece haver consenso entre estudiosos e especialistas de que a emoção é um conceito complexo, sendo necessário compreender os elementos que a caracterizam e as teorias que a explicam para estudar que conexões têm nossas sensações com esta ou aquela região do cérebro.O avanço da neurociência em favor de um entendimento sobre a neurobiologia das emoções ainda apresenta muitas dúvidas, mas pesquisadores e teóricos têm fornecido subsídios importantes para que se tenha, mesmo que ainda incipiente, um modelo para entender as emoções.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Aula 1
INTRODUÇÃO
DEFININDO A EMOÇÃO
COMPONENTES DA EMOÇÃO
TEORIAS DA EMOÇÃO
NEUROANATOMIA DA EMOÇÃO

AULA 2
INTRODUÇÃO
O PAPEL DA EMOÇÃO NA MEMÓRIA E NO APRENDIZADO
A INTEGRAÇÃO COGNIÇÃO-EMOÇÃO E MEMÓRIA-APRENDIZADO
AVALIAÇÃO DA EMOÇÃO
EFEITOS DAS EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS

AULA 3
INTRODUÇÃO
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
INTELIGÊNCIA SOCIAL
AUTOCONSCIÊNCIA
AVALIAÇÃO DOS ESTILOS EMOCIONAIS

AULA 4
INTRODUÇÃO
ADAPTAÇÃO SOCIAL
EMPATIA
MANIFESTAÇÃO DAS EMOÇÕES
COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

AULA 5

INTRODUÇÃO
PERCEPÇÃO E JULGAMENTO
ATENÇÃO
MEMÓRIA
INTERAÇÕES COGNITIVO-EMOCIONAIS

AULA 6
INTRODUÇÃO
ELEMENTOS COGNITIVO-EMOCIONAIS NA RESILIÊNCIA
RESILIÊNCIA EM CONTEXTOS NEGATIVOS
NEUROBIOLOGIA DA RESILIÊNCIA
DESENVOLVENDO A MENTE RESILIENTE

BIBLIOGRAFIAS

- CHERRY, K. Overview of the 6 Major Theories of Emotion. Verywell Mind, 18 jul.2019. Disponível em https://www.verywellmind.com/theories-of-emotion2795717.
- DOUGHERTY, E. Anger Management. Harvard Medicine, 2019. Disponível em: https://hms.harvard.edu/magazine/science-emotion/anger-management.
- SILVA, F. E. Uma aventura por trilhas da neuroeducação. Curitiba: InterSaberes,2019.

DISCIPLINA:
LITERATURA NO CONTEXTO DAS ARTES

RESUMO

Sabe-se que atualmente as neurociências vêm se destacando na tentativa de compreender a relação entre as emoções e as cognições. No contexto do cenário educacional, tal temática é abordada sobre a afetividade e suas relações com os processos de ensino e aprendizagem.A compreensão dos fenômenos afetivos tem sido uma necessidade na compreensão de um modelo explicativo mais integrativo sobre o funcionamento psíquico, uma vez que as emoções fazem parte da evolução da espécie humana.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
INTRODUÇÃO
O DUALISMO CORPO VERSUS MENTE
EMOÇÃO E COGNIÇÃO: ONDE OS DOIS SE ENCONTRAM?
ANTÔNIO DAMÁSIO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A NEUROCIÊNCIA CONTEMPORÂNEA
TEORIAS SOBRE AS EMOÇÕES E O SEU PAPEL NA EVOLUÇÃO DA ESPÉCIE HUMANA

AULA 2
INTRODUÇÃO
COMO EXPRESSAMOS AS NOSSAS EMOÇÕES
PRINCIPAIS ESTRUTURAS DO SISTEMA LÍMBICO
APRENDIZAGEM TRADICIONAL
COMO NOSSO CÉREBRO APRENDE?

AULA 3

INTRODUÇÃO
AFINAL, QUANDO E COMO NOS TORNAMOS CAPAZES DE TOMAR DECISÕES?
CONCEITO DE SISTEMAS FUNCIONAIS DE ALEXANDER LÚRIA
DIVISÕES ANATÔMICAS DO CÉREBRO E SUAS RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM E AS EMOÇÕES? REFLEXÕES FINAIS

AULA 4
INTRODUÇÃO
A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: DEFINIÇÃO
A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E A INFÂNCIA: COMPETÊNCIA EMOCIONAL
A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O DESEMPENHO ACADÊMICO/ESCOLAR
A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL

AULA 5
INTRODUÇÃO
A APRENDIZAGEM E PROBLEMAS EMOCIONAIS
A RELAÇÃO ENTRE OS FATORES SOCIOECONÔMICOS E A APRENDIZAGEM SOB O OLHAR DAS NEUROCIÊNCIAS
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH)
TRANSTORNOS DEPRESSIVO E BIPOLAR

AULA 6
INTRODUÇÃO
TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE (TOD) E TRANSTORNO DE CONDUTA
TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)
ESQUIZOFRENIA
PLASTICIDADE DE APRENDIZAGEM

BIBLIOGRAFIAS

- DE LARA UZUN DE FREITAS, M. L.; MANTOVANI DE ASSIS, O. Z. Os aspectos cognitivo e afetivo da criança avaliados por meio das manifestações da função simbólica. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 11, p. 91-109, jul. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180658212007000200008&lng=pt&nrm=iso.
- FONSECA, V. da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862016000300014&lng=pt&nrm=iso.
- MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vygotsky. Psicologia em Estudo, v. 16, p. 647-657, 2011.

DISCIPLINA:
CINEMA NA EDUCAÇÃO

RESUMO

Para abordarmos melhor as muitas finalidades da utilização do cinema na educação, procuramos trazer nesta disciplina um embasamento reflexivo acerca da educação e de

alguns dos grandes desafios que esta enfrenta diariamente em nosso país, independentemente de localidade ou faixa etária.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
INTRODUÇÃO
A APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE E OS DESAFIOS
O ALUNO DO SÉCULO XXI
A APRENDIZAGEM FORMAL E INFORMAL
O PROFESSOR DO SÉCULO XXI

AULA 2
INTRODUÇÃO
CULTURA DE MASSA
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA
CULTURA E EDUCAÇÃO
EDUCOMUNICAÇÃO

AULA 3
INTRODUÇÃO
AS NOVAS TECNOLOGIAS VOLTADAS À EDUCAÇÃO
A MOTIVAÇÃO DO ALUNO E A DIVERSIDADE DE OPÇÕES DE APRENDIZAGEM
DIDÁTICA TÉCNICA E MARCA PESSOAL DE ENSINO
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

AULA 4
INTRODUÇÃO
O RECURSO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO
O DESAFIO DO PRAZER E DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM
A ARTE DO CINEMA E SEU USO NA EDUCAÇÃO
A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA A FAVOR DA APRENDIZAGEM

AULA 5
INTRODUÇÃO
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DA METODOLOGIA PARA O TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA
TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA BENEFÍCIOS PRÁTICOS PARA A APRENDIZAGEM NO TRABALHO COM CINEMA EM SALA DE AULA
CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DE FILMES NO TRABALHO EM SALA DE AULA
PREPARAÇÃO GERAL PARA ATIVIDADES COM FILMES EM SALA DE AULA

AULA 6
INTRODUÇÃO.
FILME TEMPOS MODERNOS (CHARLES CHAPLIN, 1936), POR NEPOMUCENO (2018).
FILME VILLA-LOBOS – UMA VIDA DE PAIXÃO (ZELITO VIANNA, 2000), POR MARCOS NEPOMUCENO (2015).
FILME OS DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM (J. P. HOGAN, 2009), POR THIEL E THIEL (2009).

FILME AO MESTRE COM CARINHO (JAMES CLAVELL, 1967), POR BRANDÃO (2011).
FILME QUEBRANDO A BANCA (ROBERT LUKETIC, 2008), POR COELHO (2015).

BIBLIOGRAFIAS

- NEPOMUCENO, L. P.O. Cinema, tecnologia e administração: o uso da linguagem cinematográfica como apoio à disciplina Teoria Geral da Administração. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Uninter, Curitiba, 2018. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/106/Luciane%20Plates%20de%20Oliveira%20Nepomuceno.pdf?sequence=3&isAllowed=y.
- GÓMEZ, G. O. Educomunicação – recepção midiática, aprendizagem e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.
- BEHRENS, M. A. O paradigma emergente e a prática pedagógica. Curitiba: Champagnat, 2003.

DISCIPLINA:
LEIS DE INCENTIVO E PROJETOS CULTURAIS EM ARTES VISUAIS

RESUMO

Nesta disciplina serão abordados os seguintes conteúdos: tópicos sobre projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; estudos de caso; elaboração de um projeto cultural em Artes Visuais. Também iremos estudar projetos culturais, leis de incentivo à cultura, políticas culturais, marketing e produção cultural; conhecer e avaliar casos específicos; elaborar projeto cultural em Artes Visuais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
OS CAMPOS DIVERSOS DAS ARTES
ARTE COMO PATRIMÔNIO PÚBLICO E PRIVADO
OS MERCADOS DAS ARTES
LEIS DE INCENTIVO
CAPTAÇÃO DE RECURSOS

AULA 2
INTERESSES DO CAPITAL PÚBLICO E DO CAPITAL PRIVADO
ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS
CONTROLE DA EQUIPE
CONTROLE FINANCEIRO
PRESTAÇÃO DE CONTAS

AULA 3
ENSINO E POPULARIZAÇÃO DAS ARTES
CRIAÇÃO DE CENTROS CULTURAIS

CONSERVAÇÃO E RESTAURO
MOSTRAS, SALÕES E FEIRAS
CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIAS

- MORES, U. S. Leis de incentivo e sistemas colaborativos de financiamento. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- PORTAL BRASIL. Regulamentação e incentivo de projetos culturais pela Lei Rouanet. Ministério da Cultura e Educação, Governo Federal do Brasil, 2017. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/cultura/regulamentacao-e-incentivo.
- CESNIK, F. de S. Guia do incentivo à cultura. Barueri: Manole, 2007.

DISCIPLINA:
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS - ELEMENTOS EDUCACIONAIS E CULTURAIS

RESUMO

Há uma definição clássica, e até pueril, do termo “direito”, que significa exatamente aquilo que é reto, correto ou justo — e, por conseguinte, se opõe ao que é torto. Quando se traz esse debate para a lógica dos direitos humanos, não raro falácias do tipo “só é possível direitos humanos para humanos direitos” podem aparecer no discurso. Dentro dessa perspectiva, a primeira questão a se considerar é que não se trata de um direito só de quem “é correto” ou “merece” Direitos Humanos, pois a concepção dos Direitos Humanos, como a própria declaração de 1948 ilustra, é universal. Direitos não são favores, súplicas ou gentilezas. Não se pede um direito, luta-se por ele. A luta pelos Direitos Humanos é, sob esta perspectiva, uma luta pela própria humanidade. Mas cada direito corresponde a um dever — e, ao afirmar isso, não significa dizer que os Direitos Humanos têm sua eficácia por produzirem deveres, mas sim por seus efeitos na produção cultural.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS?
DE ONDE VÊM OS DIREITOS HUMANOS
VERTENTES DOS DIREITOS HUMANOS
TENSÕES FUNDAMENTAIS
DIREITOS HUMANOS À BRASILEIRA

AULA 2
A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO CULTURAL NO ESTUDO DOS DIREITOS HUMANOS
DIREITOS FUNDAMENTAIS E DIREITOS SOCIAIS
AS CONCEPÇÕES IDEALISTA, POSITIVISTA E CRÍTICO-MATERIALISTA DOS DIREITOS HUMANOS
PROTEÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS
CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE DIREITOS HUMANOS EM VIENA (1993)

AULA 3
ANTECEDENTES DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (PNEDH)

EIXOS ESTRUTURAIS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS (PNEDH)
ASPECTOS CONJUNTURAIS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
COMPREENSÃO DA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS A PARTIR DO PNEDH
OBJETIVOS E DIRETRIZES DO PNEDH

AULA 4
O CAMPO DA DIGNIDADE HUMANA COMO PRINCÍPIO ÉTICO DAS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS
O CAMPO DA POLÍTICA E AS METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
O RETORNO A PAULO FREIRE E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE METODOLOGIA PARTICIPATIVA
PERSPECTIVA CONCEITUAL DE CULTURA E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS
PROPOSIÇÕES SOBRE METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS POR BITTAR

AULA 5
INTRODUÇÃO AO DEBATE SOBRE DIREITOS HUMANOS E MÍDIAS
MAS DE QUAIS MÍDIAS ESTAMOS FALANDO?
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA “ALDEIA GLOBAL”
O DEBATE SOBRE DIREITOS HUMANOS EM UMA “CULTURA DE MASSAS”
NARRATIVAS DE VIOLÊNCIA A SERVIÇO DE QUÊ?

AULA 6
COMO AS TELAS SE TRANSFORMAM EM FERRAMENTAS OU ARMAS?
AS TELAS E OUTROS APARATOS MIDIÁTICOS COMO PRODUTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL
“SHOWRNALISMO”: QUANDO A NOTÍCIA É DESDOBRAMENTO DO ESPETÁCULO
AS RELAÇÕES MEDIADAS POR REDES SOCIAIS: OUTROS DESDOBRAMENTOS DO ESPETÁCULO?
BREVE ANÁLISE DE UM PRODUTO CULTURAL QUE DIALOGA COM A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

BIBLIOGRAFIAS

- SOUZA, J. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. São Paulo: Leya, 2017.
- GENRO, M; ZITKOSKI, J. Educação e Direitos Humanos numa perspectiva intercultural. Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 23, n. 41, p. 237-245, jan/jun. 2014.
- CASTILHO, R. Direitos humanos. São Paulo: Saraiva, 2012.

DISCIPLINA:
TEORIA DA PERCEPÇÃO VISUAL

RESUMO

Neste material serão abordados teorias contemporâneas da percepção visual relacionadas à criação artística; conceitos introdutórios acerca da teoria da Gestalt e sua relação com as

Artes Visuais; percepção visual e fundamentos teóricos da cor; Neurociência e relação entre ciência e arte; filosofia da percepção; outras abordagens da percepção visual; desdobramentos artísticos da ilusão de ótica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1
O QUE É PERCEPÇÃO VISUAL?
OLHO E PERCEPÇÃO VISUAL
SEGUNDA PARTE DO PROCESSO PERCEPTIVO: OS NERVOS E O CÉREBRO
ASPECTOS CULTURAIS DA PERCEPÇÃO VISUAL
VISÃO E PERCEPÇÃO VISUAL: UM EXEMPLO

AULA 2
ANTECEDENTES HISTÓRICOS
TEORIA GESTALT: PSICOLOGIA DA FORMA
LEIS E PRINCÍPIOS DA GESTALT
GESTALT E PRODUÇÃO VISUAL
TEORIA ECOLÓGICA DA PERCEPÇÃO

AULA 3
O QUE É REPRESENTAÇÃO?
TECNOLOGIAS DE REPRESENTAÇÃO
REPRESENTAÇÃO E REALIDADE
REALISMO NAS ARTES MANUAIS
REALISMO E IMAGENS TÉCNICAS

AULA 4
ABSTRAÇÃO COMO SISTEMA REPRESENTATIVO
CONDIÇÕES PARA A ILUSÃO
ABSTRAÇÃO E ILUSÃO
REALISMO E ILUSÃO
ILUSÃO NAS ARTES VISUAIS

AULA 5
OLHANDO CORES
PERCEBENDO CORES
CULTURA E PERCEPÇÃO CROMÁTICA
ILUSÕES DA PERCEPÇÃO CROMÁTICA
COR E PRODUÇÃO ARTÍSTICA

AULA 6
DA VINCI E A PERSPECTIVA ARTIFICIAL
ESCHER E A QUEBRA DA PERSPECTIVA
JESÚS RAFAEL SOTO E A OP ART
TOMIE OHTAKE E A PERCEPÇÃO DA ABSTRAÇÃO
CLAUDIA ANDUJAR E A FOTOGRAFIA PARA ALÉM DO REAL

BIBLIOGRAFIAS

- SOMBRA-SARAIVA, José Flávio. História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. São Paulo: Saraiva, 2008.
- MESSARI, Nizar. Teoria de Relações Internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- HOBSBAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.